

SIGNIFICADO DA AMAMENTAÇÃO VIVENCIADO POR MÃES NUTRIZES
MEANING OF BREASTFEEDING EXPERIENCED BY NURSING MOTHERS
SIGNIFICADO DE LA LACTANCIA VIVENCIADO POR MADRES LACTANTES

Maria do Carmo Eulálio¹
Jaqueline Queiroz de Macedo²
Lindoneide Nonato Gomes³
Fernanda dos Santos Nogueira de Góes⁴

Doi: 10.5902/2179769210519

RESUMO: Buscou-se compreender os significados e concepções sobre amamentação vivenciadas por nutrizes. Estudo descritivo, analítico com abordagem qualitativa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados foram coletados com 24 nutrizes, residentes no interior da Paraíba, que participaram de um grupo de extensão, no ano de 2007, por meio de entrevista, gravada, estimulada por imagens. Os dados foram analisados após transcrição segundo análise categorial temática de conteúdo. Os resultados evidenciaram quatro categorias temáticas: Sentimentos positivos relacionados a amamentação; Reinterpretação do discurso científico; Amamentar é uma obrigação; e Sofrimento e persistência na amamentação. Apesar de inúmeras estratégias de incentivo, o aleitamento materno não deve ser compreendido como atividade imposta e livre de obstáculos. Sugere-se que ocorra a elaboração de estratégias a partir da ótica da integralidade da assistência, nas quais mulheres/família possam colocar-se e compartilhar vivências junto aos profissionais da saúde.

Descritores: Saúde materno-infantil; Comportamento materno; Aleitamento materno; Relações mãe-filho.

ABSTRACT: *it aimed to understand the meanings experienced by nursing mothers about breastfeeding. Descriptive, analytical qualitative study, approved by the ethics committee. Data were collected from 24 nursing mothers residing in Paraíba, who participated in an extension group, in 2007, through interviews, recorded, stimulated by images. Data were analyzed after transcription according to the analysis of categorical thematic content. The results showed four thematic categories: Positive feelings related to breastfeeding; Reinterpretation of scientific discourse; Breastfeeding is a must; Suffering and persistence in breastfeeding. Although numerous strategies breastfeeding should not be understood as an activity imposed and free of obstacles. It is suggested that the development strategies from the perspective of comprehensive care, in which women/family can put themselves and share experiences with health professionals.*

Descriptors: *Materno and child health; Maternal behavior; Breast feeding; Mother-child relations.*

¹ Psicóloga. Doutora em Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: carmitaeulalio@terra.com.br

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (EERP/USP). Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: jaquelinemacedo@usp.br

³ Enfermeira. Especialista em Saúde da Família, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: lindoneide@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da EERP/USP. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: fersngoes@eerp.usp.br

RESUMEN: *Se buscó comprender los significados que experimentan las madres sobre la lactancia. Estudio cualitativo, descriptivo, aprobado por el Comité de Ética. Se recogieron datos de 24 madres lactantes residentes en Paraíba (Brasil), que participaron en un grupo de extensión, en 2007, a través de entrevistas grabadas, estimuladas por imágenes. Se analizaron los datos después de la transcripción mediante análisis categorial temático de contenido. Los resultados mostraron cuatro categorías temáticas: Sentimientos positivos relacionados con la lactancia materna; Reinterpretación del discurso científico; La lactancia materna es una obligación; y Sufrimiento y persistencia en la lactancia materna. A pesar de numerosas estrategias de incentivo, la lactancia no debe entenderse como una actividad impuesta y libre de obstáculos. Se sugiere la elaboración de estrategias desde la perspectiva de la atención integral, en las que mujeres/familia puedan situarse y compartir experiencias con profesionales de la salud.*

Descriptor: Salud materno-infantil; Conducta materna; Lactancia materna; Relaciones madre-hijo.

INTRODUÇÃO

O pós-parto é um período de mudanças emocionais para a mãe, relacionadas à transição para o papel materno, podendo tornar-se instável e insegura.¹ A amamentação é vivenciada de forma peculiar por cada mulher; quando é tido com êxito, e pode proporcionar um excelente vínculo afetivo mãe-filho. Muitas vezes, a amamentação é enfatizada pela mídia ou por campanhas apenas no que diz respeito a aspectos biológicos, deixando de destacar os condicionantes sociais, nos quais está inserida toda realidade social da mulher e sua família.

A amamentação é considerada como resultante de um processo biopsicossocial, sendo, muitas vezes, inserida em um discurso apenas biológico, deixando de ser vista como categoria híbrida, já que é construída por fatores determinados tanto pela natureza quanto pela cultura, atingindo assim dimensões antropológicas e sociais.^{2,3}

Devido a essa rede de determinantes que cercam a amamentação, esta prática não é vivida da mesma forma por todas as mulheres, como afirma estudo⁴ sobre as representações sociais do aleitamento materno, ao apontar uma duplicidade de sensações que a envolvem: gratificação *versus* desconforto e prazer *versus* dor.

A amamentação é uma prática impregnada por ideologias socioculturais; apresenta-se como processo complexo, no qual inúmeros determinantes a influenciam e cuja complexidade é vivenciada de forma diferente por cada mulher.^{2,5}

Dentre a ambiguidade de sentimentos que cercam as mulheres durante este período, alguns estudos^{4,6} demonstram que o mesmo é vivido com dificuldades, desgastes, inseguranças e até mesmo como um fardo, entretanto muitas mulheres relacionam a maternidade com “uma experiência repleta de significados positivos”.⁷

O desmame precoce pode estar relacionado à presença de sentimentos negativos relacionados à amamentação. A presença de tais sentimentos afeta diretamente a decisão sobre a continuidade ou não da amamentação exclusiva, situação que pode estar relacionada aos conhecimentos que detêm acerca do aleitamento materno.⁸

As mudanças corporais ocorridas na mulher podem ser outra fonte de ansiedade quando relacionada à sexualidade e à imagem feminina;⁵ muitas mulheres vivenciam preocupações quanto ao aumento do abdome devido ao útero aumentado, a incerteza do surgimento de estrias e flacidez mamária devido ao aumento das mamas para produção de leite, conseqüentemente o medo de ser trocada pelo parceiro por não estar fisicamente tão atraente, e de que seu corpo não volte mais a ser como era antes.

Um achado interessante em estudos^{4,6,9} sobre a amamentação é a falta de apoio voltado para essa prática. Presente no relato das mulheres está a necessidade de obter apoio para a consecução do aleitamento materno nos serviços de saúde, devido aos profissionais apresentarem dificuldade em compreender as necessidades das mães e de promover o apoio à amamentação.

Dessa forma, estudar as representações que essas mulheres fazem da amamentação é relevante para que se possam compreender melhor os significados, concepções e visões que a vivência da maternidade proporcionou a essas mulheres e, assim, entender melhor a subjetividade que envolve essa vivência.

É possível encontrar na literatura científica brasileira estudos que retratam os significados atribuídos pelas mães ao processo de aleitamento materno. Percebe-se que os estudos apontam incertezas de modificações físicas,^{3,5,6,10} psicológicas,^{1,4-6,10} sociais^{3,8,10} e econômicas⁸ além das deficiências no apoio profissional e familiar.^{4,6,9}

Desde o final da década de 1970, devido às altas taxas de mortalidade infantil, o governo brasileiro tem incentivado ações, proposto estratégias e políticas públicas para empoderamento da população na perspectiva do esclarecimento e apoio da família durante a gravidez e o parto, bem como capacitação profissional para acompanhamento do pré-natal, parto, puerpério, aleitamento materno e o crescimento e desenvolvimento infantil.

Apesar das taxas de mortalidade terem reduzido ao longo desse tempo, estudos^{4,6,9} recentes demonstram que o processo de amamentação ainda envolve questionamentos maternos e familiares para sua realização bem como relatos de dificuldades para encontrar apoio profissional de saúde. Assim, questiona-se “Quais as experiências sobre a amamentação vivenciadas por nutrizes?”

Entende-se também que a amamentação possui características naturais, mas o seu desdobramento é construído em um processo sócio-cultural onde a informação e comunicação possuem relevância. Portanto, este estudo pretende compreender os significados e concepções sobre amamentação vivenciadas por nutrizes.

MÉTODO

Trata-se de estudo descritivo, com abordagem qualitativa. A amostra foi não probabilística por acessibilidade e a quantidade obedeceu ao critério de saturação dos dados coletados, que se trata de uma ferramenta teórica para “suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição”.¹¹

Participaram desta pesquisa 24 nutrizes com até 17 meses pós-parto, residentes em município do interior da Paraíba que estavam participando de atividade de extensão “Atividade física e orientação alimentar durante a gestação” vinculado a Universidade Estadual da Paraíba, no ano de 2007. Após o consentimento da equipe envolvida, o convite para participação nesta pesquisa ocorreu ao final de um encontro da atividade de extensão. As nutrizes que concordaram em participar foram entrevistadas individualmente, em suas residências, por uma das pesquisadoras, houve a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficando uma das vias em posse das participantes. O anonimato foi garantido pela codificação das participantes da seguinte forma: letra “p” de participante, seguida do número de ordem de entrevista, idade da mulher e número de partos.

As participantes responderam a um questionário para caracterização socioeconômica. Após, as entrevistas foram gravadas em áudio, com duração média de 30 minutos e estimuladas por imagens (duas fotografias de mulheres amamentando). As

participantes foram convidadas a falar livremente sobre o que pensavam ou lembravam ao ver as fotografias, a partir da questão “Qual seu pensamento ao ver essas fotos?”

O uso da entrevista estimulada por imagens se justifica por propiciar à participante autonomia na interpretação das cenas que lhe são apresentadas. Os achados provenientes da entrevista foram transcritos, lidos e agrupados por proximidade léxica e semântica e submetidos à análise categorial temática de conteúdo¹², a qual foi norteada pelos seguintes passos: agrupamentos foram organizados e sistematizados; transformação metódica dos relatos do texto, por meio de recorte e associação, para explorar o material e obter uma representação do conteúdo; tratamento dos dados, inferência de sentidos e interpretação dos resultados.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, parecer n. 0233.0.133.000-06 e foi garantido às participantes o anonimato e o voluntariado na participação.

RESULTADOS

Constituíram-se participantes 24 mulheres com média de 24,5 anos, com ensino fundamental incompleto, união estável, católicas, do lar, residentes em casa própria, renda mensal da família de um salário mínimo.

Quanto ao tipo de parto, 75% das nutrizes tiveram parto normal e 25% parto cesariano; 66,7% eram multíparas, estavam entre 7 e 11 meses pós-parto e 58,3% ainda estavam amamentando na época da entrevista. Dentre as que não amamentavam mais, a média foi de 5,7 meses de amamentação.

A partir da análise das entrevistas foram evidenciadas quatro categorias temáticas, que se relacionam com a subjetividade e a cultura que permeia o universo representacional da amamentação, quais sejam: sentimentos positivos relacionados com a amamentação, a reinterpretação do discurso científico, amamentar é uma obrigação, sofrimento e persistência na amamentação.

A seguir estão dispostas e discutidas as categorias, representadas pelos discursos, a partir da ordem de frequência contida nas falas das participantes.

Observou-se nas entrevistas que as participantes iniciavam os relatos apontando aspectos positivos da amamentação e, à medida que sentiam confiança no pesquisador, passavam a expressar outros aspectos envolvidos no aleitamento materno.

Sentimentos positivos relacionados à amamentação

A amamentação foi considerada desde o início, como uma experiência boa e prazerosa, sendo um benefício advindo da maternidade. Esses sentimentos são expressos nos recortes dos discursos a seguir:

Eu me sentia mais mãe dando de mamar pra minha criança. (P12, 25 anos, multípara)

*Um ato de carinho [...] Foi bom pra mim. (P17, 26 anos, primípara)
É uma sensação muito gostosa, a gente amamentar, a gente ama o filho mais ainda! (P19, 30 anos, multípara)*

É uma felicidade muito grande ta amamentando, ter aquele bebezinho perto de mim! (P23, 31 anos, multípara)

Os relatos evidenciam o prazer existente no ato da amamentação, que envolve sensações de aconchego, segurança e proteção ao filho.

Reinterpretação do discurso científico

O leite materno foi intimamente relacionado ao crescimento e desenvolvimento saudável da criança. As informações (“protegendo”, “vacina”, “saudável”) constantes nos relatos dessa categoria podem apontar justificativas científicas que são fornecidas às gestantes durante o pré-natal, bem como podem ser oriundas do acesso aos meios de comunicação que incentivam o aleitamento materno. Desse modo, as participantes demonstram uma assimilação do discurso técnico científico, que pode ter sido fornecido pelos profissionais de saúde, o qual é reinterpretado aos olhos do senso comum, estando presente na fala de quase todas as mulheres.

O leite que dá vida [...] é importante, ele fica saudável através do leite. (P14, 23 anos, primípara)

Era um privilégio pra mim saber que eu posso amamentar, que eu tava protegendo meu filho. (P22, 28 anos, múltipara)

O leite é bom para ele, porque como eles (profissionais da atenção básica) falam, é como se fosse uma vacina, uma proteção para ele. (P24, 31 anos, múltipara)

Criança quando mama fica mais saudável, não fica com probleminha de saúde. Ela mesma, depois que parou de mamar, tem hora que eu até tenho desgosto, as mãozinhas dela pipoca todinha... muita gripe, fica tossindo, e se ela tivesse mamando, ela não tinha isso, eu tenho certeza. Amamentação é tudo pra uma criança. (P21, 19 anos, primípara)

Pelos discursos, percebe-se que apesar de terem o conhecimento das propriedades benéficas do leite materno para a criança, as mães não demonstram conhecimento dos benefícios próprios ao amamentar.

Amamentar é uma obrigação

Em meio à prática de amamentar, caracterizada por muitas mães como um ato prazeroso, surge certa ambivalência nos discursos - a obrigação materna de amamentar, porque “é mãe e esta é sua função”.

Eu sentia sempre que eu tinha que fazer aquilo, que era minha obrigação[...] Porque todo mundo, as médica não diz né, que a gente tem que amamentar até os seis meses? [...] É uma obrigação, porque ele vai se criar uma criança mais saudável. (P18, 21 anos, primípara).

Se fosse por mim, acho que não tinha dado de mamar a ele [...] porque o leite é bom para ele. (P24, 31 anos, múltipara)

A partir desses relatos questiona-se a integralidade da atenção e até que ponto tais mulheres estão tendo oportunidade de expor e dialogar suas vivências nos serviços de saúde em que são atendidas desde o pré-natal. Além das consultas individuais, a realização de grupos com gestantes, puérperas, nutrizes facultaria oportunidade de discussão e escuta de vivências como as expostas.

Sofrimento e persistência na amamentação

O sofrimento ao amamentar foi um sentimento intenso que se fez frequente nos discursos. Muitas mães relataram ter sofrido muito, principalmente durante os primeiros dias da amamentação, devido às intercorrências mamárias, sendo a dor, presença constante em suas falas.

Eu vou falar a verdade, eu me sentia mal (risos) [...] quanto mais você amamenta, você sente... quando eu parava de amamentar ele, tava com uma fome, um oco no estômago; depois que ele completou um ano, aí foi puxando de mim; tava me sentindo já mal. (P18, 21 anos, primípara)

Meu seio doía muito; não tava conseguindo amamentar porque doía muito, tava tendo febre e dor de cabeça[...] É uma experiência boa e ruim ao mesmo tempo, porque tá dando carinho a ele, tá ali junto dele, e ao mesmo tempo a dor[...] dava uma aflição, porque quando chegava a hora de amamentar, meu deus do céu, era uma tortura; tinha hora que eu chorava [...] dava assim um desespero, quando chegava a noite que ele chorava para amamentar, meu Deus! [...] Foi bom! Apesar das dores que eu senti, mas foi bom! (P24, 31 anos, múltipara)

As nutrizes apontam sensações de solidão, vulnerabilidade e despreparo face ao processo de amamentação, que perpassam as concepções socioculturais do valor do aleitamento materno, as quais podem ser subjetivas e físicas ocasionadas pelo ato de amamentar.

DISCUSSÃO

Amamentar constitui-se em uma prática, que envolve inúmeros significados, idealizações, valores, peculiaridades e até mitos, os quais estão inseridos na mais íntima subjetividade das mulheres, e para elas, verbalizar essa intimidade não parece ser tarefa fácil. Este fato pode ser ilustrado com expressões de silêncio diante das fotografias mostradas e até mesmo 'certa' dificuldade em verbalizar seus sentimentos em muitos momentos da entrevista.

A presença marcante de sentimentos que envolvem o prazer no ato de amamentar, coadunam com os achados de estudo⁸, no qual os autores apontam a cumplicidade que permeia esse momento e, simultaneamente, favorece a construção do vínculo afetivo.

Um fator importante que exemplifica as percepções positivas das participantes sobre a amamentação é o relato do tempo de amamentação em média de quase 6 meses, de acordo com o que é preconizado pela Organização Mundial da Saúde.¹³ Entretanto,

questiona-se se o motivo desse tempo de amamentação deve-se à vontade individual ou à imposição subliminar das campanhas e políticas de saúde.

A esse respeito, o discurso de aspectos positivos relativos à amamentação, pode encobrir inconscientemente, o significado real do caráter obrigatório do aleitamento materno, ao menos nas primeiras semanas pós-parto. Foi evidente nas entrevistas que a sequência das falas iniciava-se pelos aspectos positivos da amamentação seguida, concomitantemente, pela obrigatoriedade, sofrimento e persistência do ato. Talvez a mãe/família quando apoiada por profissionais que lidam com o aleitamento materno, com foco nas suas necessidades reais, possa favorecer na perseverança para superar os obstáculos e garantir a amamentação, com vista ao crescimento e desenvolvimento infantil adequado.

Ao se observar os *slogans* das campanhas veiculadas pelo Ministério da Saúde acerca do Aleitamento materno desde 1999¹⁴, verifica-se a ênfase na responsabilidade materna pelo desenvolvimento adequado, manutenção da vida e a conotação da ideia de que somente a partir do ato de amamentar o filho poderá ser construído os laços de afetividade.

O destaque dado a responsabilidade da mãe sobre o filho já foi relatado há mais de uma década, em um estudo que objetivou conhecer aspectos relacionados à comunicação centrada na nutriz.¹⁵ Nesse estudo, os autores expõem que a compreensão do ato de amamentar é determinada pelo significado que este tem para a comunidade que influencia na tomada de decisão dos indivíduos e, exemplificam com a ideia da veiculação de propaganda do aleitamento materno como um comportamento de amor da mãe por seu filho.

Estudos apontam a relação entre o discurso materno e o discurso técnico científico.^{4,9} Autores caracterizam esta reinterpretção como uma submissão às prescrições dos profissionais de saúde.⁴ Cabe ressaltar que os profissionais de saúde atuam conforme as orientações dos órgãos governamentais, os quais legislam as condutas com base em indicadores sociais, econômicos e de saúde. Assim, as intervenções junto à comunidade, entre elas a nutriz/família, serão guiadas a partir das orientações que podem perpetuar o discurso teórico e científico, de forma generalizada, sem contextualizar com as vivências individuais.

O sentimento de obrigação frente à amamentação está presente em alguns estudos^{4,8} que demonstram o sentimento de dever, fundamentado no discurso técnico dos profissionais de saúde, o qual é absorvido e passa a ser o que impulsiona as mulheres a amamentar. Essa contradição configura a amamentação como um ato ambíguo, onde para algumas mulheres é intensamente prazeroso, e para outras, é um fardo inerente à maternidade, ao qual elas são obrigadas a se submeterem.

A análise dessa situação engloba aspectos que estão relacionados às mudanças hormonais e desgaste físico do período puerperal, condições socioeconômicas, mas, também, aos fatores históricos de uma época que foi marcada pelos movimentos feministas e, atualmente, pelo retorno a essa prática⁸ amplamente incentivado por campanhas públicas como meio para redução de mortalidade infantil e outras morbidades.

Diante do sofrimento evidenciado, percebe-se que este foi enfrentado para que o filho tivesse acesso ao leite materno e assim pudesse fazer uso de seus benefícios. Outro estudo expressa essa priorização do filho, sendo o próprio sofrimento justificado pelo bem-estar do bebê.⁹

É importante ressaltar o fato de que mesmo sofrendo, essas mulheres não demonstraram uma ação negativa quanto à amamentação. Mesmo vivenciando sofrimentos, as mães relataram ter amamentado os filhos por quase 6 meses.

Observa-se que as participantes reproduzem em seus discursos sobre os sentimentos positivos da amamentação, algumas expressões utilizadas em campanhas de



incentivo ao aleitamento materno as quais dão conotação de “ato de amor” a esse processo. Infere-se que, talvez as mães sintam-se “menos mães” e reprimidas ao terem pensamentos contrários a essa prática, devido ao apelo midiático e científico, que não lhes oportuniza a expressão de sentimentos, sensações e dificuldades que são comuns a essa prática.

Ressalta-se que o aleitamento materno é fundamental para o binômio mãe e filho, porém não deve ser compreendido como uma atividade imposta e livre de obstáculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amamentar é tarefa que não parece ser tão instintiva e natural, como pregava o discurso higienista, mas sim é condicionada socialmente e culturalmente. É um ato que não acontece de forma igual com todas as mulheres, cada uma vivencia a amamentação de forma peculiar; para umas foi um ato de extremo prazer, felicidade e recompensa; para outras, foi sofrido e doloroso. Muitas mulheres relataram sentir a amamentação como uma obrigação a ser cumprida, e mesmo sofrendo, amamentaram.

Percebeu-se que a amamentação não é algo naturalizado, contrariamente a impregnação do discurso técnico prevalente tanto no meio acadêmico profissional como no senso comum, o qual é veiculado pelas campanhas de incentivo ao aleitamento materno.

Esse estudo relevou que, apesar de inúmeras estratégias de incentivo ao aleitamento materno, as percepções das nutrizes não se modificaram significativamente ao longo do tempo. Sugere-se então que, para além do incentivo do aleitamento materno por meio de publicidade e discursos, ocorra a elaboração de estratégias a partir da ótica da integralidade da assistência, nas quais as mulheres/família possam colocar-se e compartilhar vivências junto aos profissionais da saúde.

Sugere-se a necessidade de incentivo a capacitação profissional para escuta da mulher sem julgamentos prévios e concepções impositivas, bem como a criação de espaços para discussão coletiva entre as mães/família e profissionais que oportunizem a elaboração de estratégias para promoção do aleitamento materno considerando o contexto individual de cada mãe/família. Com relação à limitação do estudo, deve-se considerar que a especificidade dos sujeitos não permite a generalização dos resultados para todas as situações de amamentação.

A partir dos resultados sugere-se a realização de novas pesquisas que investiguem o impacto das propagandas de incentivo ao aleitamento materno, da educação dos profissionais de saúde bem como de espaços de discussões coletivas.

REFERÊNCIAS

1. Vieira F, Bachion MM, Salge AKM, Munari DB. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA no período pós-parto imediato e tardio. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2010;14(1):83-9.
2. Carvalho MR, Tavares LAM. Amamentação: bases científicas. 3ª ed. São Paulo: Grupo Editorial Nacional; 2010.
3. Junges CF, Ressel LB, Budó MLD, Padoin SMM, Hoffmann IC, Sehnem GD. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. *Rev Gaucha Enferm.* 2010 jun;31(2):343-50.
4. Marques DM, Pereira AL. Amamentar: sempre benefícios, nem sempre prazer. *Cienc Cuid Saúde.* 2010;9(2):214-9.

5. Marques ES, Cotta RMM, Priore SE. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. *Cienc Saúde Coletiva*. 2011;16(5):2461-8.
6. Marques ES, Cotta RMM, Magalhaes KA, Sant'Ana LFR, Gomes AP, Siqueira-Batista R. A influencia da rede social da nutriz no aleitamento materno: o papel estratégico dos familiares e dos profissionais de saúde. *Cienc Saúde Coletiva*. 2010;15 Supl 1:1391-400.
7. Moreira MA, Nascimento ER, Paiva MS. Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. *Texto & Contexto Enferm*. 2013;22(2):432-41.
8. Silva RMR, Marcolino C. The experience of the breastfeeding/early weaning process by women orientated to breastfeeding: a qualitative study. *Online Braz J Nurs [Internet]*. 2009;8(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1676-4285.20092019>.
9. Nakano AMS. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser “o corpo para o filho” e de ser “o corpo para si”. *Cad Saúde Pública*. 2003;19 Supl 2:355-63.
10. Jungues CF, Ressel LB, Budó MLD, Padoin SMM, Hoffmann IC, Sehnem GD. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. *Rev Gaúcha Enferm*. 2010;31(2):343-50.
11. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*. 2008 jan;24(1):17-27.
12. Bardin L. *Análise de conteúdo*. 6ª ed. Lisboa: Edições 70; 2011.
13. World Health Organization (WHO). Country implementation of the International Code of Marketing of Breast-milk Substitutes - Status Report 2011 [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2013 [acesso em 2014 mar 9]. Disponível em: <http://www.who.int/nutrition/publications/infantfeeding/statusreport2011/en/>.
14. Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Cartazes da campanha [Internet]. Rio de Janeiro: Departamento Científico de Aleitamento Materno; 2010 [acesso em 2012 out 4]. Disponível em: http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=21&id_detalhe=1777&tipo_detalhe=s.
15. Rezende MA, Sigaud CHS, Veríssimo MOR, Chiesa AM, Bertolozzi MR. O processo de comunicação na promoção do aleitamento materno. *Rev Latinoam Enferm*. 2002 abr;10(2):234-8.

Data de recebimento: 27/08/2013

Data de aceite: 31/03/2014

Contato com autor responsável: Maria do Carmo Eulálio. Universidade Estadual da Paraíba. Av das Baraúnas, 351 - Bairro Universitário. CEP: 58.429-500 - Campina Grande- PB
E-mail: carmitaeulalio.uepb@gmail.com